



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de assinatura dos decretos de infrações e segurança ambiental  
Ibama – Taguatinga-DF, 22 de julho de 2008**

Estou com inveja da força da nossa companheira que está apresentando aí. Na próxima campanha, vou convidá-la.

Paulo Octávio, você sabe que o Torto, a Granja do Torto, é como se fosse um corredor de tucanos. Você sabe que quando estou lá no Torto, domingo à tarde, passam dezenas e dezenas de tucanos, acho que vêm daqui do Parque Nacional. Eu sei que passam lá, param nos coqueiros, fazem um barulhinho, comem alguns dos pássaros novos que estão lá e depois vão embora. Mas, de qualquer forma, é muito bonito ver os tucanos. E que bico grande, hein?

Este ato poderia ter sido feito lá no meu gabinete, poderia ter sido feito lá no Palácio do Planalto. Por que foi importante o companheiro Minc decidir vir aqui? Primeiro, para a gente fazer a inauguração formal desta reserva. Segundo, para a gente ver com os próprios olhos o tipo de animal irracional que prejudica os animais ditos “irracionais”.

Se um cidadão brasileiro quer ganhar algum dinheiro vendendo papagaio, vendendo arara, vendendo ouriço, que tinha aí, vendendo aqueles macaquinhos pequeninhos, vendendo qualquer passarinho, ele ganharia muito mais se os europeus que comprem isso viessem visitar o Brasil e conhecer o Pantanal, conhecer a Amazônia, conhecer o cerrado. Eles iriam ganhar muito mais dinheiro, quem sabe, sendo agentes de turismo do que sendo predadores da natureza.

Eu falo isso, Minc, porque eu tenho na minha casa alguns animais que o Ibama solta lá no Torto, ou no Alvorada, tem arara que não recupera nunca mais a asa, está totalmente atrofiada. Nós damos uma árvore de presente para



ela e ela toma conta, botamos comida todo dia. Mas não precisava ser assim, elas poderiam estar voando e nós iríamos visitá-las onde elas estivessem.

Eu quero cumprimentar o Paulo Octávio, o Minc, o nosso Roberto Messias, a Silvana Canuto. Quero cumprimentar os companheiros que vieram aqui participar deste ato inaugural do nosso Centro de Triagem de Animais.

Quero dizer para vocês que as medidas que apresentamos hoje demonstram o grau de maturidade alcançado por nossas políticas ambientais, em especial no combate ao desmatamento, que se somam a uma sólida base de defesa de nossos patrimônios naturais que a nação brasileira vem construindo há muito tempo.

Estou falando de uma forte experiência na geração de soluções tecnológicas sustentáveis e de um conjunto de instituições e organizações que sabem promover o desenvolvimento com preservação ambiental. E falo, sobretudo, de algo que nos singulariza no cenário mundial: a maturidade da consciência ecológica brasileira.

A postura ativa e militante na defesa do meio ambiente não pertence mais a grupos isolados. É, sim, uma agenda obrigatória de todas as forças engajadas no crescimento do nosso País. É sob esse pano de fundo que têm se dado todas as iniciativas que adotamos nos últimos anos: do Plano Amazônia Sustentável à produção do biocombustível; da homologação de terras indígenas e unidades de conservação às novas regras para a gestão de florestas públicas.

Da mesma forma, é com esse espírito que instituímos hoje o Programa de Segurança Ambiental, que tem na articulação dos esforços federativos e no aproveitamento das experiências dos recursos humanos dois de seus eixos de sustentação. Por meio de convênios e acordos de cooperação com os estados, vamos repassar recursos federais e fortalecer a atuação efetiva na prevenção e combate aos crimes ambientais.

Aqui é importante destacar, governador e companheiros secretários e



ativistas do meio ambiente deste País, é preciso salientar que ou o governo federal se reeduca para fazer parcerias com os seus entes federados, com prefeitos e com estados, ou é humanamente impossível achar que daqui de Brasília, detrás de uma mesa, a gente consiga fazer as coisas acontecerem no que diz respeito à preservação ambiental. Ou você compromete o prefeito de uma cidade a proteger a floresta, a proteger e manter a água limpa, a proteger a nossa fauna, ou vão estragar. Quando o governo federal souber, será por uma notícia de jornal, ou seja, “Inês é morta”.

Penso que essa parceria, Minc, é uma coisa extremamente importante. Utilizar as pessoas do local para tomarem conta, os bombeiros, a guarda florestal... Fica muito mais fácil se as organizações dos estados e dos municípios contratarem gente que conhece o local para tomar conta do que, de vez em quando, ter que chegar alguém de um estado para fiscalizar o outro. Meus parabéns pela idéia inovadora.

Estou certo de que nós teremos sucesso nessa nova parceria. Praticamente 16 estados já concordaram, o que é uma coisa extremamente saudável. Não existe mais aquele medo de os estados fazerem convênios com o governo federal, não existe mais medo de o governo federal fazer convênios com os governos estaduais e com os prefeitos. Antigamente tinha uma teoria neste país que o governo federal não passava dinheiro para os estados e para os municípios porque tinha medo que o dinheiro fosse utilizado na política contra o próprio governo federal. Uma atitude pequena porque, na verdade, é muito melhor fazer o convênio, fiscalizar, participar e saber que as coisas vão acontecer.

Quando nós criamos o Bolsa Família, tínhamos uma discussão dentro do governo: vamos fazer direto com as comunidades ou com a prefeitura? Tinha gente que dizia: “Não dá para fazer com o prefeito. Passar dinheiro para a mão do prefeito não vai ser legal. Vamos fazer com a comunidade”. Nós conseguimos convencer as pessoas de que tínhamos que respeitar o poder



local, que é a prefeitura. Se o prefeito não é bom, tem que criar mecanismos de fiscalização para as coisas acontecerem. O que não pode é o governo federal passar por cima do prefeito, Chico Vigilante, e achar que pode mandar um burocrata de Brasília para cadastrar pessoas que somente o prefeito conhece. Isso é a boa cumplicidade.

Por isso, um programa como este, Minc, tende a dar certo. A Marina dizia: “O importante não é a gente proibir de fazer, é a gente dizer como é possível fazer as coisas corretamente”. Sobretudo hoje... Eu não vou mais falar dos decretos porque você e o Messias já falaram. Uma coisa extremamente importante que as pessoas têm que compreender, Minc – e é um processo educativo tanto para uma criança que está na escola quanto para um empresário exportador –, é que a preservação e o cuidado com o meio ambiente hoje se transformam numa vantagem comparativa para o Brasil.

Se não cuidarmos, isso vai se virar contra nós. Daqui a pouco tem suecos, holandeses, alemães, italianos dizendo: “Não comprem soja do Brasil porque vem da Amazônia, não comprem biodiesel do Brasil porque vem da Amazônia, não comprem carros do Brasil porque vêm da Amazônia”. Nós mesmos estamos dando um tiro no nosso pé.

Com o Decreto, todo mundo vai ter o direito e a obrigação de agir corretamente. Quem fizer isso, vai poder fazer seus negócios até com madeira. Agora, quem for picareta e achar que pode enganar todo mundo durante todo o tempo, nós temos que dar uma bordoadinha. E não tem bordoadinha melhor do que muitas pesadas, além de apreender as coisas e vender, senão não controla. Tem gente que desmata sem necessidade, porque poderia fazer a coisa correta, pedir autorização, demarcar a área correta. Tem gente que desmata porque quer desmatar, porque tem uma consciência predadora.

Então, eu quero te dar parabéns, Minc, porque eu acho que o País precisa agir com mais seriedade nessa questão ambiental. Nós já temos todas as leis, todos os decretos, todas as portarias. Nós já temos tudo, agora é



preciso que as pessoas aprendam. Estão lembrados do trabalho que a gente tinha para dizer: “Gente, não beba, e se beber não dirija”? Estão lembrados? Quanto mais a gente falava... É como criança pequeninha, quanto mais a gente fala “não faz”, faz.

Agora fizemos a “lei seca”, está aprovada. Graças a Deus, as pessoas estão se dando conta... Esses dias eu vi na televisão, mostraram um cidadão, acho que lá em Minas Gerais, bêbado, que correu da polícia, foi para casa, vestiu o pijama, e abriu a porta para atender a polícia. Aí a mulher levantou e falou: “Não, ele chegou bêbado agora mesmo, não estava dormindo, não”. Eu achei fantástico, porque o cara entrou para dormir, para enganar a polícia. A mulher saiu com ele e disse: “Não, ele chegou bêbado agora”.

Ontem, não sei se vocês viram, tinha um outro na televisão enrolando a língua e dizendo que não estava bêbado. Mandaram fazer um “quatro”, ele quase fez um “oito”... Se não for assim, as pessoas não respeitam, esse é o dado concreto.

Por isso, Minc, eu acho que nós temos que ser bastante coerentes, nós temos que ser acessíveis para facilitar a vida das pessoas que querem fazer as coisas corretamente. E temos que ser muito duros com aqueles que acham que são melhores do que os outros e podem viver na clandestinidade, na ilegalidade. Por isso, parabéns.

E a você, Canuto, minha querida, espero que um dia isso aqui seja aberto à visitação, que esses animaizinhos possam ser soltos aí, e que este parque possa ganhar dinheiro cobrando uma taxa de ingresso das pessoas que possam, no final de semana, vir passear aqui e ver esses bichos soltos procriando e fazendo todos nós um pouco mais humanistas e ambientalistas.

Um abraço e parabéns, companheiro Minc.

(\$211A)